



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Artigos

Filosofia para crianças segundo Mathew Lipman

Por Alexandro Aparecido Salgado¹ (alexandrosalgado@sescpr.com.br)

RESUMO

Nenhum processo educativo é inocente, isto é, todo ato pedagógico apresenta intenções claras e concisas. Conhecer e analisar estas intenções é tarefa da Filosofia. No ensejo de analisar o relevante método de Lipman - no que se refere à Filosofia para Criança como diretriz oferecida aos docentes que não almejam apenas um ensino superficial para seus alunos, mas, sim, instigar os discentes a criarem uma discussão filosófica com coerência a partir da mediação do docente através de metodologias e currículo apresentados para realização e, conseqüentemente, buscarem um saber sistematizado, coerente, argumentativo e mais completo - se apresenta este artigo. A Filosofia para Criança se efetua mediante os diálogos intermediados pelo docente, possibilitando o desenvolvimento do aluno e formando suas opiniões embasadas na razão, direcionando-o para um processo de construção do saber de maneira contínua.

Palavras-chave: Filosofia para Ensino Fundamental

1. É especialista em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Tecnológica Alfa de Umuarama, especialista em Gestão Escolar, Supervisão, Orientação e Coordenação Educacional pelo Centro Técnico Educacional Superior do Oeste do Paraná, especialista em Ensino de Arte na Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio pelo Centro Técnico Educacional Superior do Oeste do Paraná, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Centro Educacional Superior do Oeste do Paraná, graduado em Pedagogia pela Faculdade Global de Umuarama, graduado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi e graduado em História pela Universidade Paranaense – UNIPAR – Umuarama. É Coordenador Pedagógico de Desenvolvimento Artístico e Cultural do Serviço Social do Comércio – SESC, na cidade de Umuarama/ PR – BR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

RESUMO

Neniu eduka procezo estas senkulpaj, tio estas, ĉiuj pedagogia akto prezentas klaran kaj koncizan intencojn. Koni kaj analizi tiujn intencojn estas la tasko de la Filozofio. En la ŝanco de analizi gravan metodo de Lipman – rilate al Filozofio por infanoj proponita kiel gvidlinion por instruistoj ke ne avidas nur supraĵan edukado por siaj lernantoj, sed instigi studentojn por krei filozofian diskuton kohera de la mediacio de instruistoj tra kurikulum kaj metodojn prezentitaj por fari kaj, sekve, por serĉi sistemigan scion, kohera, argumentativa kaj plej kompleta – estas kio se prezentas en tiu artikolo. Filozofio por infanoj estas atingata tra instruistojn, ebligante ke studento disvolviĝita kaj formantita siajn opiniojn, bazita en la racio, direktiĝanti al procezo de konstruado de kontinua scio.

Ŝlosilvortoj: *Filozofio por Elementa Eduko.*

ABSTRAT

No educational process is innocent, that is, every act has pedagogical intentions clear and concise. To investigate and analyze these intentions is the task of philosophy. The opportunity to analyze the relevant method of Lipman - in relation to the Philosophy for Children offered as a guideline for teachers who do not aspire only a superficial education for their students, but rather to entice students to create a philosophical discussion with consistency from through the mediation of teaching methodologies and curriculum presented to perform and therefore seek to know a systematic, coherent, argumentative and more complete - this article presents. Philosophy for Children is performed through the dialogue mediated by the teacher, enabling the development of the pupil and forming their opinions grounded in reason, directing you to a process of knowledge



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

construction in a continuous manner.

Keywords: *Philosophy for Elementary Education*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A disciplina escolar de Filosofia, após a ditadura militar brasileira, vem ascendendo no cenário da educação brasileira e, coadunada as outras diversas áreas do conhecimento, como Português, Matemática, Geografia, História, Sociologia, entre outras, pretende levar o educando a uma educação crítica e sistemática.

Desde de 2008 a disciplina de Filosofia está obrigatoriamente inserida na grade curricular do Ensino Médio e vem se confirmando como uma excelente estratégia para desenvolver habilidades de arguições, senso crítico, leituras aprofundadas e posicionamentos frente aos fatos, de maneira reflexiva e comprometida com vicissitudes de postura intelectual e social.

De acordo com o referencial curricular, a criança precisa desenvolver, a partir de estímulos dirigidos, a capacidade de pensar, criar, falar, entre outras habilidades e aptidões. No tocante a esta questão, a criança já traz desde sua infância o ato espontâneo de maravilhar-se com o mundo que lhe é apresentado, formulando perguntas, dúvidas oriundas de sua própria inquietação.

Nesse processo de mediação da criança e de sua atitude filosófica é necessária a presença de um profissional de filosofia para desenvolver de modo aprofundado esta inquietação filosófica. O docente será primordial na disponibilidade de materiais e instrumentos específicos para o desenvolvimento e construção de seu conhecimento.

Para isso, justifica-se a relevância deste trabalho com o objetivo de pesquisar acerca das possibilidades em compreender como se dá o processo de filosofia para criança segundo o autor Mathew Lipman.

Analisar a metodologia e currículo de como a criança desenvolve o caminhar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosófico, concebendo suas conclusões e verificando as possibilidades de aplicabilidade das atividades reflexivas por meio da mediação do docente; constatar, a partir da pesquisa bibliográfica, se há o processo do filosofar na criança, coletando dados na obra *Filosofia na Sala de Aula*, de Mathew Lipman, com o foco para crianças do terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental, é a abordagem da qual esta pesquisa limitar-se-á em analisar.

DESENVOLVIMENTO

A questão educacional no decorrer dos últimos anos vem ganhando um destaque no que se refere, sobretudo, à qualidade na educação enquanto ensino e aprendizagem. Neste ensejo, diversos educadores e teóricos, preocupados com esta vertente, buscam conceitos, ideologias e didáticas diversificadas com o intuito de aprimorar e tornar qualitativo o ensino programático. Com isso, na produção de livros didáticos e artigos fomentam-se acerca do como ensinar, ou seja, “ensinar de que maneira?”.

Assim sendo, a linguagem filosófica é um incentivo e, simultaneamente, um espaço pedagógico no qual o ensino e a aprendizagem se processam, transformando o quadro avaliativo e qualitativo da educação.

Podemos esperar que filosofia para crianças dê frutos numa sala de aula heterogênea onde estudantes falem sobre uma variedade de experiências e estilos de vida, onde se explicitem diferentes crenças na importância das coisas, e onde uma pluralidade de maneiras de pensar, em vez de serem depreciadas, sejam consideradas inerentemente valiosas. Na aula de filosofia para criança aceitam-se os argumentos procedentes do pensador metódico com o mesmo respeito dispensado aos que apresentam seu ponto de vista de modo rápido e articulado. (LIPMAN, 1994, p. 69)

Portanto, a presente pesquisa, que prioriza a linguagem filosófica como instrumento de aprendizagem, procura responder aos seguintes questionamentos: É



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

possível ensinar filosofia para criança? O caminhar filosófico acontece com crianças? Pode-se esperar que filosofia para criança dê frutos numa sala de aula heterogênea?

Considera-se que a Filosofia, e de modo específico a metodologia da Filosofia para Criança, compreende um universo amplo de múltiplas formas de linguagem e análises de contexto – que se efetuam mediante novelas filosóficas, poesias, desenhos e diálogos - que pode vir a oferecer diferentes formas de comunicação, oportunidades de expressão, meio de autoafirmação, desenvolvimento da criatividade, favorecendo a socialização e estimulando o desenvolvimento crítico das crianças e o caminhar filosófico.

Nesse sentido, convém apresentar algumas conceituações em torno do que seja Filosofia, Filosofia da Educação e, conseqüentemente, como é o objetivo maior deste trabalho, Filosofia para Criança a partir da experiência de Mathew Lipman.

1 CONCEITO DE FILOSOFIA

O que seja a Filosofia e qual sua utilidade é algo totalmente questionável. De acordo com KNELLER, a Filosofia é a tentativa de pensamento totalizante e não fragmentado da realidade, como nos afirma:

Para educarmos os homens de um modo sensato e esclarecido, convém saber no que queremos que eles se tornem quando os educamos. E para sabê-lo é necessário indagar para que vivem os homens – ou seja, investigar qual pode ser a finalidade da vida e o que ela deve ser. Portanto, devemos também inquirir sobre a natureza do mundo e os limites que este fixa para o que o homem pode saber e fazer. A natureza humana, a boa vida e o lugar do homem, no esquema das coisas estão entre os tópicos perenes da filosofia. (...) a filosofia é a tentativa para pensar do modo mais genérico e sistemático em tudo o que existe no universo – no “todo da realidade”. Por que os filósofos querem pensar na realidade total? Por que não se contentam, como os cientistas, em estudar apenas uma parte? A resposta reside na qualidade única do espírito humano, impulsionado pela curiosidade intelectual e pelo desejo de ordem. (KNELLER, 1971, p. 12)

A citação em questão alega que a educação do homem necessita, em princípio, de um objetivo para educá-lo para a vida como ela é ou deve ser. Nesse sentido, a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia vem para estimular o indivíduo a pensar de forma sistemática, organiza as questões perenes acerca da vida e tudo o que há no universo real, isto é, um pensamento do todo impulsionado pela curiosidade e desejo de tornar cognoscível o desconhecido ou o não esclarecido.

A partir de tal argumentação, corrobora CHAUÍ:

A filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. (CHAUÍ, 1995, p. 20)

Desse modo, a Filosofia, sendo tipicamente uma ação grega, tem como iniciativa o buscar um conhecimento lógico e mais aprofundado, sistematizando a realidade natural e humana como a origem e as transformações nos fatos e ideias. A Filosofia, então, é uma aspiração para a tentativa de racionalizar e organizar pensamentos e discursos acerca de conceitos e ações.

2 CONCEITO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Segundo Gramsci,

[...] não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque pensar é o próprio do homem como tal. Isso significa que as questões filosóficas fazem parte do cotidiano de todos nós. Se o filósofo da educação investiga os fundamentos da pedagogia, o homem comum também se preocupa escolher critérios – não importa que sejam pouco rigorosos – a fim de decidir sobre medidas a serem tomadas na educação de seus filhos. (1986 *apud* Aranha, 1993, p. 74)

Para o autor já citado, o homem tem por natureza a capacidade de pensar sobre seu cotidiano, suas ações. Assim, alega que o filósofo da educação busca conceitos que sedimentam a pedagogia, e o homem comum busca também elencar critérios para utilizarem na formação educativa de seus filhos.

Contudo, o homem tem a necessidade de traçar objetivos e critérios a serem utilizados em suas tomadas de decisões em atos e pensamentos ideológicos ou não.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quando o pensamento é objeto de reflexão, Gramsci aborda a diferença entre o pensamento do homem comum e do filósofo profissional:

A filosofia propriamente dita tem condições de surgir no momento em que o pensar é posto em causa, tornando-se objeto de reflexão. Mas não qualquer reflexão. (...) o homem comum, no cotidiano da vida é levado a momentos de parada, a fim de retomar o significado de seus atos e pensamentos, e nessa hora é solicitado a refletir. Entretanto, ainda não é filosofia rigorosa o que ele faz. (...) Gramsci quem diz: “o filósofo profissional ou técnico não só pensa com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, sabe explicar o desenvolvimento que o pensamento teve até ele é capaz de retomar os problemas a partir do ponto em que se encontram, depois de terem sofrido as mais variadas tentativas de solução. (1986 apud Aranha, 1993, p. 74)

Nesse contexto, o homem comum também é levado a elaborar reflexões no cotidiano da vida, haja vista que, para Gramsci, o filósofo profissional tem um pensamento lógico mais rigoroso, aprofundado e conhece de forma geral a história do pensamento, explicando-o e elaborando respectivas reflexões acerca do pensamento, seguido de críticas ou até modificações de conceitos, até então postos como verdades estipuladas.

A filosofia é, portanto, a crítica da ideologia, enquanto forma ilusória de conhecimento de que visa a manutenção de privilégios. Atentando para a etimologia do vocábulo grego correspondente à verdade (*a-lethéia*, *a-letheúein*, “desnudar”), vemos que a verdade é pôr a nu aquilo que estava escondido, e aí reside a vocação do filósofo: o desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder. Finalmente, a filosofia exige coragem. Filosofar não é um exercício puramente intelectual. Descobrir a verdade é ter a coragem de enfrentar as formas estagnadas do poder que tentam manter o status quo, é aceitar o desafio da mudança. Saber para transformar. Lembremos que Sócrates foi aquele que enfrentou com coragem o desafio máximo da morte. (ARANHA, 1993, p. 76)

Considerando essa perspectiva, a filosofia é a crítica que corresponde a busca de uma verdade ou o próprio esclarecimento da mesma, uma vez que o filósofo desnudará o conceito muitas vezes encoberto por costumes e tradições que norteiam ações e pensamentos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo Aranha, na citação *ad hoc*, o ato de filosofar implica o ato de ter coragem e pensar desprovido de preconceitos tradicionais e costumeiros, desafiando o *status quo* para mudá-lo e transformá-lo, como fez o filósofo antigo Sócrates, que aguçava o povo grego a buscar a verdade sem os fundamentos culturais, o que o levou à morte e o fez assumir o ato de filosofar com coragem.

3 FILOSOFIA PARA CRIANÇA SEGUNDO MATHEW LIPMAN

Mathew Lipman, filósofo e educador norte-americano, preocupado com a formação de crianças e jovens, entende ser a filosofia um importante instrumento na educação, contrariando a educação tradicional que como versa Lipman (1994, p. 01) “conduz o aluno à mera aquisição do conhecimento já produzido e depositado na tradição cultural”.

Dentro desse contexto de busca de inovações pedagógicas surge o programa “Educação para o Pensar”, concebido e aplicado pelo filósofo Lipman na Universidade de Colúmbia, EUA, em fins da década de 60.

Inspirado e ancorado nessa perspectiva educacional de estimular as crianças a filosofarem desde a tenra infância, Mathew Lipman discorre:

[...] mas por que toda a experiência escolar da criança não pode ser uma aventura? Deveria estar repleta de surpresas, de perspectivas excitantes, de mistérios assombrosos e de revelações e esclarecimentos fascinantes. Será que o dia-a-dia escolar tem que ser uma estreita rotina na qual as crianças são benevolente, aprisionadas? (LIPMAN, 1994, p. 27)

Segundo o autor, a experiência escolar deveria ser uma aventura repleta de inovações e surpresas fascinantes, próprias do desenvolvimento da criança. Nesse sentido, realiza reflexões acerca da metodologia utilizada na formação escolar, na qual, além de ser uma rotina, limita os alunos de aprenderem por intermédio de perspectivas diferenciadas e divertidas. Desse modo,

Em 1969, nos Estados Unidos, inicia-se um amplo programa educacional na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Universidade de Colúmbia e, na década seguinte, sua divulgação. O responsável pelo programa Educação para Pensar foi o professor Mathew Lipman, daquela instituição de ensino norte-americana. (...) A linha estruturadora geral do programa é dada pelos conteúdos de lógica formal e informal. Um currículo de Filosofia para Crianças foi sendo elaborado – as chamadas novelas filosóficas e, à medida que a experiência se desenvolveu, vários manuais foram compostos para apoio aos professores.

(...) A década de 70 revelou-se promissora para o programa Filosofia para Crianças. A partir de 1976, este programa foi sendo traduzido e trabalhado em vários países: Chile, México, Áustria, Canadá, Havai, Espanha e Portugal, entre outros. No Brasil, o programa chegou através da professora Catherine Young Silva, que fundou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC) em janeiro de 1985, com sede em São Paulo. (OLIVEIRA. 2004. p. 43)

O método de Lipman baseado em conteúdos formulados a partir de escritos voltados para o público infantil, intitulados “novelas filosóficas”, que compõem o Currículo do Programa de Filosofia para Criança e, *a posteriori*, utilizada como material de subsídio pedagógico para docentes.

Com o passar dos anos, e mediante divulgação, essa vertente defendida por Lipman foi traduzida e compartilhada para outros países, inclusive o Brasil, que adotou a ideia no Centro Brasileiro de Filosofia para Criança, que trabalhou as novelas filosóficas que segundo Lipman (1994, p. 01) “pretendem inserir alguns problemas filosóficos presentes em cenas cotidianas envolvendo crianças em situação de diálogo e investigação”.

Assim, para Lipman (1994, p. 01) a proposta do “programa de Filosofia para Crianças é ajudá-las a aprenderem a pensar por si mesmas”.

No tocante à questão de currículo, Lipman versa:

Pré-escola, 1º e 2º séries. Aqui, o currículo consiste de uma história para pré-escola, “Elfie”, e outra para 1º e 2º séries, “Issao e Guga”, e os respectivos manuais de atividades e exercícios para uso do professor. A ênfase está na aquisição da linguagem, com especial atenção nas formas de raciocínio. (LIPMAN, 1994,p. 79).

De acordo com o autor, a partir de novelas, por ele intituladas de filosóficas, o aluno, de acordo com sua classificação de série, é estimulado a estudar conceitos e



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formar uma comunidade de investigação.

Desse modo, a novela possibilita uma socialização de histórias, por ser uma narrativa descontraída para as pessoas que ouvem e leem. Nessa direção, “tais razões levaram Lipman a adotar as novelas em seus trabalhos com as crianças” Oliveira (2004 premissas presentes nas respectivas novelas, voltados para a aquisição da linguagem e maneiras de exercitar o raciocínio lógico.

3º e 4º séries. Este currículo consiste de uma novela filosófica, “Pimpa, e de um manual contendo atividades e exercícios para o professor, sendo mantida a ênfase do currículo anterior e pretendendo preparar as crianças para a introdução do raciocínio formal da etapa seguinte. É dada uma maior atenção a estruturas semânticas e sintáticas tais como: ambiguidade, conceitos que estabelecem relações e noções filosóficas abstratas. (causalidade, tempo, espaço, número, pessoa, classe e grupo. (...))5 e 6 séries. Este currículo é formado pelo texto A descoberta de Ari dos Telles e o manual do professor Investigação filosófica. Aqui, a ênfase está na aquisição da lógica formal. 7 e 8 séries. Nesse currículo, a ênfase encontra-se na especialização filosófica elementar no campo da investigação ética, da linguagem e estudos sociais. (...) O currículo de investigação ética é formado pela novela Luisa que é uma descoberta de Aristóteles. (LIPMAN, 1994, p. 80-81)

Sobre as Novelas Filosóficas Oliveira depreende:

Sugeriram a Lipman que escrevesse uma história para crianças. Porém, ele buscava uma que pudesse ser diferente daquelas e que adultos dizem as verdades às crianças. Pensou que seria interessante colocar personagens que tivessem a mesma idade dos leitores. Deveria haver diálogo entre elas, de modo a promover uma situação em que as crianças pudessem posicionar e formar uma comunidade de investigação. (OLIVEIRA, 2004, p. 45).

A ideia de executar um programa de educação para o pensar foi voltado para o desenvolvimento das habilidades do pensamento. Lipman em sua experiência enquanto docente, percebeu que os universitários ingressavam na universidade com uma deficiência em habilidades básicas como ler, escrever e calcular. Sendo assim, começou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a focar um ensino em que a criança começasse a pensar bem. Portanto, Lipman iniciou seu método construindo histórias intituladas de novelas filosóficas, nas quais os personagens teriam a mesma idade do leitor e que houvesse um diálogo entre os mesmos, de maneira a criar uma situação em que as crianças pudessem se posicionar e p.46). O objetivo de Lipman é, a partir das novelas filosóficas, estimular a criança a realizar uma reflexão e desde a infância exercitar seus raciocínio infantil.

Nesse contexto, Lipman ancorado numa perspectiva filosófica, aborda:

Mas quando a criança começa a raciocinar filosoficamente? (...) As crianças começam a pensar filosoficamente quando começam a perguntar por quê. A pergunta “por quê?” é sem dúvida a favorita das crianças pequenas, mas não é uma pergunta simples. Normalmente atribuem-se duas funções principais a essa pergunta. A primeira é descobrir uma explicação causal, e a segunda é determinar uma finalidade. (LIPMAN,1994,p. 87)

Lipman utiliza-se da disciplina de filosofia para desenvolver o pensamento e o raciocínio de seus alunos, uma vez que a filosofia é a matéria que busca a reflexão do pensamento e não a transmissão deste. É com base nessa vertente que alega o pensar da criança, um descobrimento das causas e finalidades a partir da pergunta por quê. “Perguntar para averiguar a finalidade é perguntar para que uma coisa é feita ou para que serve uma atividade” (LIPMAN, 1994, p. 87). Nesta citação, a pergunta é o instrumento para averiguar sua finalidade, ou seja, porque esta ou aquela atividade é feita e existe, uma vez que desde a tenra infância, “as crianças estão interessadas tanto nas razões como nas causas e, constantemente, ou misturam os dois usos da pergunta “por quê?” ou procuram distinguir um do outro” (LIPMAN, 1994, p. 87). Nessa visão, Lipman afirma que “a criança pergunta ‘por quê?’ desde muito pequena e, portanto, podemos considerar que está desde cedo envolvida num comportamento filosófico” (1994, p. 01).

Neste prisma, na elaboração da pergunta *por quê?* a criança pode estar buscando uma justificação e não uma explicação casual, e vice versa, é o que discorre



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na citação:

Assim, uma criança pode perguntar por que houve uma chuva de pedra e pode aceitar a explicação meteorológica dada pelo professor sobre as causas das chuvas de pedras. A criança quer uma explicação causal para o desaparecimento do seu brinquedo e, no lugar disso, lhe damos uma justificação. [...] Nós tentamos ajudar as crianças a distinguirem entre justificação e explicação quando ensinamos a elas a diferença entre coisas feitas de propósito e coisas que acontecem por acidente. Ensinamos as crianças que elas são responsáveis por aquilo que fazem deliberadamente mas não por aquilo que acontece acidentalmente. (LIPMAN, 1994, p. 88)

Assim, a proposta é distinguir o que acontece por influência do ser humano e aquilo que está fora de seu alcance, uma vez que, o acidental pode ser apenas explicado de que forma aconteceu, não sendo necessário justificar respectivo posicionamento de conduta.

Segundo Lipman (1994, p. 89), “a filosofia tem sido tradicionalmente considerada como algo absolutamente inerente às pessoas mais velhas”, pois,

Por uma peculiar perversão da lógica, ignoramos as autênticas manifestações do raciocínio filosófico que se manifestam na infância, ignoramos a necessidade que as crianças têm de ser desafiadas e apoiadas para desenvolver suas capacidades filosófica. (LIPMAN, 1994, p. 89)

É necessário, para Lipman, não ignorar as manifestações do pensamento lógico que surgem na infância, uma vez que a criança tem a necessidade de ser desafiada e simultaneamente aguçada a aprimorar suas capacidades de reflexão e argumentação.

De acordo com o amadurecimento vital, as pessoas vão acostumando-se com explicações quaisquer. De forma diferencial, a criança possui uma originalidade de pensamento curioso:

O que normalmente consideramos como um progresso intelectual das crianças não é quando aprendem a pensar por si mesmas, mas quando notamos com satisfação que o conteúdo do seu pensamento começou a se aproximar do conteúdo do nosso próprio pensamento – quando suas concepções de mundo começam a se parecer com as nossas. A criança que mostra originalidade e independência de pensamento, provavelmente, chega a conclusões pouco populares e pode, muito bem, tirar algumas conclusões que, de fato, são bastante erradas. É muito fácil corrigir uma conclusão errada; algo bem diferente é apoiar a originalidade ou recuperá-la em uma



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

criança que foi levada a suprimi-la. (LIPMAN, 1994, p. 89).

Conforme o autor citado, a criança progride intelectualmente quando suas ideias de mundo começam a ter analogias com às dos adultos. Com isso, crianças que possuem uma originalidade de pensamentos iniciam o caminhar filosófico de não acreditarem em com conclusões intituladas pelo autor de populares e sim mais aprofundadas.

Podemos ainda usar o comentário relatado pelo pai de um garoto de sete anos: “Quando a gente morre, a gente sonha que está morto”. Esse comentário poderia ter sido descartado por um adulto que não tivesse nenhum interesse em filosofia por considerá-lo sem sentido. No entanto, parece representar uma intuição extremamente rica das implicações metafísicas, indicando que a criança pode ter uma potente imaginação especulativa. Geralmente as crianças não desenvolvem suas intuições de uma forma sistemática. Mas o professor pode incentivá-las a considerar as implicações de suas ideias originais, de forma que não se perca riqueza de suas percepções e intuições. (Lipman, 1994, p. 90-91).

A criança em seu pensamento original poderá cometer erros, mas o relevante é sua independência e originalidade de estruturas de raciocínio, isto é, cabe ao docente apoiar esta atitude autêntica da criança.

Como observou Lipman, alguns comentários que as crianças fazem são considerados desnecessários e ausentes de sentido para os adultos, haja vista que os mesmos são indicadores de que a criança possui uma imaginação potencializada para possíveis especulações e caberá ao docente ser o mediador, incentivando-a a sistematizar os conceitos originais de maneira a não perder a riqueza especulativa, mas a partir desta “fazer com que as crianças explorem seus próprios pensamentos e experiências por meio do uso de técnicas filosóficas extraídas da inesgotavelmente rica tradição filosófica” Lipman (1994, p. 92), ou seja, a aula de filosofia para criança, aguçando-a para um pensar aprofundado, tem como tradição filosófica o diálogo que, por vez, é o instrumento primordial entre docente e discente, uma vez que Lipman assinala (1994, p. 93) “o mérito de Filosofia para Crianças está em permitir que a aula



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se torne um fórum para ventilar assuntos relevantes para os problemas das próprias crianças”.

Desse modo, o professor, como conhecedor da relevância da criança, exporá seus pensamentos e dúvidas, mediará por meio de aula assuntos questionadores e curiosos oriundos do imaginário de cada aluno, “assuntos que alcancem também os aspectos contemplativos e criativos” Lipman (1994, p. 92). Nessa perspectiva de incentivar o raciocínio e a criatividade infantil, o autor alega:

O pensamento lógico pode ser incentivado por meio da atividade criativa e, inversamente, que a criatividade pode ser alimentada pelo desenvolvimento da capacidade lógica. As duas caminham juntas. (...) Nesse programa nos esforçamos para sugerir vários tipos de atividades criativas: jogos, dramatizações, marionetes e ou indiretamente, para aumentar a capacidade de as crianças expressarem sua experiência e explorarem as consequências e significados dessas expressões. (...) Ajudar as crianças a crescerem significa criar desafios adequados a cada estágio. O seu crescimento depende também do estímulo dado a sua criatividade e a sua capacidade de invenção. (LIPMAN, 1994, p. 94 -95).

Nessa proposta Lipman defende o fato de que o pensamento lógico pode ser estimulado a partir de atividades criativas, que desenvolverão a capacidade lógica de cada criança, uma vez que defende o caminhar em conjunto da criatividade e do pensamento sistematizado, sugerindo instrumentos pedagógicos e lúdicos para aguçar a expressão e a exploração de sentidos e significados das mesmas, uma vez que, a cada desafio criado e apresentado à criança, esta desenvolverá sua criatividade inventiva.

Nesse processo metodológico do ensino de filosofia para criança, versa-se:

Incentivar as crianças a pensarem filosoficamente não é uma tarefa fácil para os professores desempenharem. De certo modo, é mais uma arte do que uma técnica, uma arte comparável à de dirigir uma orquestra ou uma peça de teatro. E como qualquer arte requer prática. Os professores não devem desanimar na primeira ou segunda vez que usarem o currículo na sala de aula. (...) Ensinar filosofia implica fazer com que os estudantes levantem temas e, então, voltar a eles repetidamente, elaborando-os nas discussões dos estudantes à medida que as aulas se sucedam. (LIPMAN, 1994. p. 117)

O próprio autor considera o filosofar com criança uma atividade dificultosa,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

haja vista que a compara com a arte, que, para ser aprimorada, é necessário praticá-la, de maneira a realizar diversas tentativas, instigando os alunos a dialogarem e refletirem de acordo com os temas trabalhados.

Nesse contexto de metodologia e currículo, tais temas serão trabalhados a partir da base curricular elaborado por Lipman, que são as novelas filosóficas, isto é, textos com cunho fictício aos quais os personagens descobrem questões filosóficas, de acordo com o método sugerido a utilizar pelo professor, que se embasa propriamente na reflexão e diálogo, conforme o autor fundamenta: esse diálogo com os colegas, professores, pais, avós e outras pessoas, é o veículo do qual os personagens nas histórias aprendem. E é assim também que os estudantes aprendem: falando e pensando nas coisas, haja vista que:

Isso não significa que o papel do professor não exista ou que seja mínimo, que a aprendizagem ocorre simplesmente deixando que as crianças discutam a novela dia após dia. E tampouco significa que o conhecimento já esteja ali, nas crianças, de modo que tudo que se tem a fazer é reunir as crianças numa sala e o conhecimento surgirá. Pelo contrário, pressupõe-se que a aprendizagem filosófica ocorra principalmente através da interação entre as crianças e seu ambiente e que o ambiente é formado principalmente pela sala de aula, outras crianças, pais, parentes, amigos, pessoas da comunidade, meios de comunicação e o professor. No entanto, é o professor quem, ao menos na sala de aula, pode manipular o ambiente de modo a aumentar a possibilidade de que a consciência filosófica das crianças cresça continuamente. É o professor quem pode fazer surgir os temas em cada um dos capítulos das novelas filosóficas, é quem pode mostrar aos alunos da classe os temas que não identificaram, é ele, ainda, quem pode relacionar os temas com as experiências das crianças quando elas apresentam dificuldade em fazê-lo por si mesmas, é quem pode demonstrar, por seu comportamento diário, como a filosofia pode ser relevante para a vida imediata de alguém como pode abrir os horizontes que tornam cada dia mais significativo. Além disso é o professor que, através do questionamento, pode traduzir pontos de vista alternativos sempre com o objetivo de ampliar os horizontes dos estudantes, não se deixando nunca levar pela complacência ou auto-satisfação. Nesse sentido o professor está sempre ao redor dos alunos, encorajando-os a tomarem a iniciativa, construindo sobre aquilo que conseguem formular, ajudando-os a questionar as pressuposições subjacentes de suas conclusões e sugerindo modos de chegar a respostas mais gerais. Para poder ter sucesso, o professor não só deve saber filosofia, mas deve também saber como introduzir esse conhecimento no momento adequado através de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um questionamento que ajude os estudantes em seu esforço por compreender. (LIPMAN, 1994, p. 118-119).

De acordo com Lipman, a aprendizagem acontece por meio de uma interação da criança com seu meio social que o circunda. No tocante a mediação da discussão filosófica, cabe ao docente na sala de aula conduzir os diálogos de forma a possibilitar um desenvolvimento da consciência filosófica por meio de temáticas provindas das novelas filosóficas sugeridas por Lipman

Percebe-se que o papel do professor é de primordial relevância na aprendizagem da criança, ao qual a finalidade é efetivamente conduzir a mesma para uma ampliação de horizontes, não se contentando com o que lhe é apresentado e incentivando-as a assumirem uma atitude de formular conceitos e conclusões mais aprofundadas. O autor ressalta que o docente necessita ter um conhecimento de filosofia e ter metodologia para realizar intervenções em circunstâncias de reflexão às quais contribuam para o entendimento dos alunos.

Assim, Lipman corrobora que “para dirigir uma discussão filosófica, deve-se desenvolver uma sensibilidade para saber que tipo de pergunta é apropriada em cada situação e qual a sequência em que podem ser feitas” (1994, p.119), ou seja, ao docente caberá identificar momentos em que há a potencialidade de explorar os comentários das crianças e aprofundar a reflexão por meio de questionamentos, como fundamenta na seguinte citação:

[...] Não há nenhuma receita para a técnica da discussão perfeita.(...) O professor pode pedir que expressem seus pontos de vista. Se os alunos demorarem para apresentar suas opiniões, o professor pode pedir à pessoa que sugeriu a questão, que elabore um pouco mais sua ideia fazendo perguntas como estas:

Por que você achou interessante esse incidente em particular?

Você está familiarizado com incidentes desse tipo?

Quais os pontos de vista com os quais você concorda e com os quais você não concorda?

Como essa história o ajudou a compreender o resto da história?

Existe algo nesse episódio que você achou surpreendente ou interessante?



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Existe algo nesse episódio que você acha que deveríamos discutir?
(LIPMAN, 1994, p. 157-158)

Para o docente não há uma técnica definida para intervir e conduzir a discussão; no entanto, os alunos poderão compartilhar os argumentos e opiniões e, caso haja uma demora, o professor o estimulará a partir de questionamentos que focará o discente a formular um conceito argumentativo ou opinativo que o ajudará a socializar com clareza o que pensa. Ainda nesse prisma, Lipman considera:

Às vezes durante a aula, o professor pode achar que os alunos estão com dificuldade para se expressar. Talvez eles simplesmente não conseguem encontrar as palavras certas; talvez sejam tímidos. Em qualquer caso, o professor pode, nessas ocasiões, tentar facilitar a participação do aluno com frases de ajuda como essas:

Parece que você está dizendo que...?

Não poderia ser que...?

Você está dizendo que...?

O que eu ouvi você dizer foi..?

Eu tive a impressão que...?

Será o que você está dizendo é que...?

De acordo com o que eu ouvi, você está dizendo que...?

Assim como você vê isso?

Então do seu ponto de vista..?

Será que o que você está dizendo poderia ser colocado assim...? (LIPMAN, 1994, p. 159-159).

A discussão filosófica com criança é um caminhar junto com o discente, ao qual o professor intervém com perguntas sugestivas que contribuirão para o mesmo expressar-se principalmente quando encontra coibições de timidez e articulação de pensamento ainda não organizado; é o que o autor estadunidense sugere:

Por outro lado, o professor pode querer mais do que simplesmente ajudar os alunos a esclarecerem seus pontos de vista, reformulando-os. O professor pode querer explorar não só o que eles dizem, mas também o significado do que eles dizem. Há muita diferença entre perguntar a um aluno: - “Você está dizendo que...”, e perguntar: “- Você está sugerindo que...”. É a diferença entre o que se afirma e como essa afirmação é interpretada.(...) Podemos incentivar os alunos a explicarem o que disseram. Estes são alguns comentários que indicam explicação:

- a idéia que você quer expressar é...?

- quais os pontos, no que você disse, que gostaria de enfatizar?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- então você acha que estes pontos são importantes?
- eu poderia resumir assim a sua argumentação...?
- você poderia nos dar um resumo rápido do que você está querendo dizer?
- estou entendendo que o ponto principal do seu comentário é (LIPMAN, 1994, p. 160).

Nesse enfoque de buscar significados do que os alunos dizem e ajudá-los a interpretar de maneira a incentivar o que disseram, o docente, com a intervenção a partir de perguntas, pode aprofundar a discussão com o objetivo de perceber definições implícitas que os discentes podem estar utilizando. Assim sugere Lipman:

O professor deve tentar perceber as definições que os alunos estão utilizando implicitamente, se isso for necessário, fazendo perguntas como as que seguem:

- quando você usa a palavra...o que você está querendo dizer?
- será que você poderia definir a palavra...que acabou de usar?
- a que se refere a palavra...?

No geral, o professor deveria ser cuidadoso ao pedir definições, porque corre o risco de transformar uma discussão num simples debate sobre definições. (LIPMAN, 1994, p. 164).

No que se refere à coerência, o professor é visto como responsável por instrumentalizar o caminhar para uma reflexão, para a discussão filosófica para criança.

Durante uma discussão filosófica é útil levantar questões a respeito de coerência. Podemos suspeitar de que uma pessoa não está sendo coerente na apresentação dos seus pontos de vista, ou sentir que os pontos de vista de vários indivíduos na sala de aula são incoerentes uns com os outros. Em ambos os casos, seria bom explicar tais possibilidades, usando estas perguntas ou comentários:

- anteriormente, quando você usou a palavra... você não a usou num sentido bem diferente do que sendo usado agora?
- você realmente estão discordando um do outro, ou simplesmente estão dizendo a mesma coisa de maneiras diferentes?
- só para elaborar um pouco mais essa questão, não seria coerente acrescentar que... (LIPMAN, 1994, p.163).

Sendo assim, quando o aluno não estiver coerente com sua fala, o docente intervirá na discussão por meio de perguntas que direcionarão o discente a formular seu ponto de vista de maneira organizada, ou seja, coerente.

Nesse contexto de sistematização de conteúdo e conhecimento das crianças,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Lipman fundamenta no que consiste o desenvolvimento da discussão filosófica:

Uma das características de uma discussão filosófica consiste no desenvolvimento da apresentação sistemática de idéias.(..) Geralmente, as crianças oferecerem suas crenças ou opiniões sem se preocuparem em fundamentá-las. O professor deve tratar de obter as razões que elas estão preparadas para oferecer para apoiar tais idéias ou opiniões. Pouco a pouco, outros estudantes seguirão este exemplo e pedirão razões de seus colegas. Com o tempo, muitos estudantes desenvolverão o hábito de oferecer suas opiniões apenas quando podem ser sustentadas por razões. (...) Quando oferecemos uma razão em suporte a uma opinião, geralmente é porque a razão é menos controvertida e mais aceitável que a opinião em questão. Em outras palavras apelamos para razões porque dão plausibilidade:

- pergunta: - por que você acha que o potássio é um mineral?

- resposta: - porque o livro de ciência diz que é.

- pergunta: - por que você diz que não tenta se vingar quando alguém o machuca?

- resposta: - porque duas coisas erradas não fazem uma certa.

- pergunta: - por que você acha que os estrangeiros são fingidos?

- resposta: - porque sempre falam línguas que eu não entendo.

- pergunta: - não deveríamos nos livrar do nosso hino nacional porque é difícil de ser cantado?

- resposta: - acho que as razões a favor – bonito e diferente – são mais fortes que a razão que você citou contra.

(...) Normalmente, o professor deveria ajudar os alunos a distinguirem entre as posições que estão adotando e as razões que oferecerem em defesa dessas posições. (LIPMAN, 1994, p. 167-168).

O autor considera que a discussão filosófica necessita ter uma sistematização de ideias e necessita-se fundamentá-las, uma vez que as crianças dão opiniões e não as sedimentam com argumentação plausível. Ao docente cabe a mediação de intervir aos comentários e opiniões dos alunos, pedindo-os que deem razões dos conceitos que estão opinando.

Com o decorrer do tempo, o discente aprenderá a formular suas ideias, embasando-as de razões, as quais darão uma sustentabilidade maior ao comentário ou opinião das mesmas, visto que, de acordo com Lipman (cf. 1994, p. 119) a educação filosófica tem mais êxito quando incentiva e capacita as pessoas a se envolverem no questionamento crítico e na reflexão inventiva, uma vez que, “a filosofia é vazia se



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reduzida a uma memorização, somente adquire significado quando as crianças começarem a pensar por si mesmas e a descobrir suas próprias respostas a respeito dos assuntos importantes da vida” (LIPMAN, 1994, p. 121).

De acordo com o autor,

[...] para que as crianças aprendam a manejar as idéias e não só os rótulos, não se mencionam os nomes dos filósofos no programa de Filosofia para Crianças (embora, certamente suas idéias sejam apresentadas), e será melhor que o professor não mencione esses nomes na sala de aula. No devido tempo as crianças descobrirão de quem eram, originalmente, essas idéias, mas isso deve acontecer após terem verdadeiramente trabalhado com as idéias tentando dar sentido à sua experiência, tentando ampliar seus próprios horizontes e, assim, chegar a compreender a si mesmas e aos outros, de uma maneira mais ampla. (...) A investigação filosófica entre as crianças, mais do que qualquer coisa, depende de um professor que compreenda as crianças, seja sensível aos temas filosóficos e a capaz de manifestar, no seu comportamento diário, um profundo compromisso com a investigação filosófica – não como um fim em si mesma, mas como um meio para levar uma vida quantitativamente melhor. O ingrediente mais importante do programa de Filosofia para Crianças é um corpo de professores capaz de modelar uma interminável busca de sentido para obter respostas mais compreensivas a respeito de assuntos importantes da vida. Esse compromisso torna-se evidente em sua integridade, no ter e agir com base em princípios e na manifestação de uma coerência entre o que dizem e o que fazem. (...) O ensino de filosofia consiste em reconhecer e seguir bem de perto aquilo que as crianças estão pensando, ajudando as verbalizar e objetivar esses pensamentos e, depois, cuidando do desenvolvimento das ferramentas que necessitam para refletir a respeito desses pensamentos. Mas é impossível exercer esse papel a menos que os próprios professores sejam modelos de pessoas que acreditam que, afinal de contas, faz diferença tomar tal atitude. (LIPMAN, 1994, p.120)

Lipman sugere que durante a aula e as discussões filosóficas não se mencione nomes dos filósofos, uma vez que as ideias, sendo apresentadas e discutidas, com o tempo se farão uma analogia e descobrirão a quem pertence as respectivas temáticas discutidas na infância.

A presente discussão para alcançar uma produtividade precisa seguir que essas “quatro importantes condições se deem na sala de aula: estabelecer um compromisso



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com a investigação filosófica; evitar a doutrinação; respeitar as opiniões dos alunos; evocar a confiança das crianças” (LIPMAN, 1994, p. 146).

Contudo, o processo de filosofia para criança depende do diferente posicionamento do docente, em ater-se no que as crianças pensam e verbalizam, aguçando-as a buscarem o sentido e a reflexão das mesmas.

Todo esse processo de filosofia para criança acontecerá se o próprio professor exercer o papel de acreditar nessa atitude filosófica, uma vez que será modelo para seus alunos ao demonstrar sua competência filosófica e ao “comunicar uma paixão pela excelência no pensar, no criar, na conduta, valores que os estudantes podem vislumbrar no processo do diálogo filosófico” (LIPMAN, 1994, p. 119) e “as exigências incluem um professor provocativo, questionador, impaciente com o pensamento descuidado, e um grupo de estudantes num diálogo que os desafie a pensar e produzir idéias” (LIPMAN, 1994, p. 122). Com isso o professor, é o protagonista do processo de filosofia para criança, no qual “dever ser visto como um facilitador, cuja tarefa é estimular as crianças a raciocinarem sobre seus próprios problemas por intermédio das discussões em sala de aula” Lipman (1994, p. 33) alegou.

Em suma, a relevância de filosofia para criança é o desenvolvimento da criticidade, como aborda:

Uma meta da educação é livrar os estudantes dos hábitos mentais que não são críticos, que não são questionadores, para que assim possam desenvolver melhor a habilidade de pensar por si mesmos, descobrir sua própria orientação perante o mundo e, quando estiverem prontos para isso, desenvolver seu próprio conjunto de crenças acerca do mundo. (...) Toda criança deveria ser incentivada a desenvolver e articular seu próprio modo de ver as coisas (...) não importa se chegaram a adquirir modos diferentes de ver as coisas. Não importa se discordam umas das outras ou do professor em assuntos filosóficos. O que importa é que adquiram uma melhor compreensão a respeito do que pensam e por que pensam, sentem e agem do jeito que fazem e de como seria raciocinar efetivamente. (LIPMAN, 1994, p. 121).

Em conformidade com o autor, a meta educacional é estimular os estudantes a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

questionarem para desenvolverem uma capacidade de pensarem por si mesmos e conseguirem posicionar-se no mundo em questão. A filosofia para criança objetiva-se numa melhor compreensão do pensamento e um raciocínio mais efetivo e sistematizado que proporcionará futuramente um desenvolvimento de articulação do modo de cada aluno ver a realidade.

Sendo assim, o processo culmina quando:

[...] Começaram a compreender a importância de reconhecer os pontos de vista das outras pessoas e de apresentar argumentos para suas próprias opiniões. [...] Uma discussão filosófica é cumulativa; cresce ou se desenvolve, e por meio dela os participantes podem descobrir muitos horizontes. [...] Uma discussão reflexiva não é um empreendimento fácil. Requer o desenvolvimento dos hábitos de ouvir e refletir. Significa que aqueles que se expressam durante uma discussão devem tentar organizar seus pensamentos de modo a que não divaguem sem um ponto concreto. As crianças pequenas podem querer falar todas ao mesmo tempo ou, simplesmente, não falar. Elas demoram a aprender os procedimentos de uma boa discussão. (LIPMAN 1994, p.146)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa observou-se que o método Filosofia para Criança de Lipman não se trata de um simples modo de ensinar, mas possibilita o caminhar curioso e incessante do aluno a um pensamento no qual faz pensar e sistematizar a ideia.

No âmbito curricular o processo desenvolve-se a partir das leituras das novelas filosóficas de Lipman de acordo com a série de cada aluno.

Em relação à metodologia, o professor possui uma posição de destaque, ao qual sua intervenção é o que irá conduzir e mediar a discussão filosófica. O docente precisa ter um conhecimento de filosofia e principalmente assumir uma postura questionadora, impaciente com respostas vazias, estimulador e provocativo.

O docente com ousadia e estruturas de questionamentos consegue realizar intervenções nos diálogos com os alunos, conduzindo-os a organizar o pensamento e possuir uma amplitude na articulação de elaboração de perguntas que provocam os



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discente; é o que o autor versa:

Os filósofos são experientes em planejar perguntas encadeadas que provocam os alunos a buscarem explicações cada vez mais amplas para as suas experiências.

Um bom professor de filosofia nunca atinge um ponto onde parece não haver mais necessidade de questionamento. O mundo é inesgotavelmente desconcertante. É esse comportamento de maravilhamento que é tão difícil de explicar ou transmitir por meio de técnicas, estratégias ou receitas. (LIPMAN, 1994, p. 174).

Parafraseando Lipman (cf. 1994, p. 81) na aula de filosofia é preciso começar pela provocação para o maravilhamento, incentivando e facilitando o diálogo filosófico, visto que, a estrutura de todo o programa de filosofia para criança é fundamentada no diálogo, como instrumento metodológico de ensino.

Na educação tradicional o professor não atribuía uma participação ativa do aluno, onde esta curiosidade filosófica da criança era reprimida e calada. Já na metodologia de Lipman cabe ao docente incentivar o discente para a curiosidade e, através de questionamentos e leituras de novelas filosóficas, participar ativamente do processo de sistematização e descoberta do conhecimento.

A partir do objetivo de trabalhar Lipman e a filosofia para criança na sala de aula percebe-se a possibilidade de pesquisar acerca das probabilidades e compreender como se dá o processo de filosofia para criança segundo o autor.

Constatou-se, a partir da pesquisa bibliográfica, que há o processo do filosofar na criança na obra “Filosofia na Sala de Aula”, de Mathew Lipman. A pesquisa verificou nas obras de Mathew Lipman os pressupostos de filosofia para crianças que, segundo o mesmo, é possível se concretizar na prática, quando o docente assume a postura em acreditar que é possível aguçar o aluno para uma discussão filosófica a partir das novelas filosóficas.

Por sua vez, a partir da busca por uma argumentação sistemática e coerente, o docente, a partir de questionamentos e intervenções, faz com que a criança acompanhe os raciocínios sem perder a originalidade da ideia, conseguindo aprofundar em questões



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conceituais, definições e, ao final do caminhar filosófico, alcançar o desenvolvimento efetivo das opiniões sedimentadas em uma razão.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FERREIRA, A. B. de. **Novo dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KNELLER, F. George. **Introdução à Filosofia da Educação**, Zahar, Rio de Janeiro, 1971.
- LIPMAN, Mthew. **A Filosofia na Sala de Aula**: Trad. Ana Luíza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LIPMAN, Mathew. **Pimpa**; trad. Sylvia Judith. 2. ed. São Paulo: Difusão de Educação e de Cultura, 1997.
- OLIVEIRA, Paula Ramos. **Filosofia para a Formação da Criança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.